

48. A VIDA CONSAGRADA

914-945



INTRODUÇÃO

O essencial da vida consagrada é, como o próprio nome indica, a consagração ao Pai, em Jesus Cristo por um dom do Espírito Santo através da profissão dos conselhos evangélicos.

O termo “profissão” significa a vivência prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. “Profissão” indica também o ato litúrgico com o qual, durante a celebração eucarística, o fiel assume a obrigação de praticar os conselhos evangélicos na vida eremítica ou em um instituto ao qual é incorporado. O termo, nesse sentido, é usado para distinguir os eremitas e os religiosos dos membros dos institutos seculares e das sociedades de vida apostólica: a “profissão” só se refere aos primeiros, enquanto os segundos “assumem” os conselhos evangélicos. A “profissão”, por fim, assinala o testemunho público e implica o fato que a observância dos conselhos evangélicos deve ser também percebida publicamente, ou seja, que deve se realizar de modo manifesto para a Igreja e a sociedade e com uma “separação do mundo”.

TEXTO 914-945

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

PARÁGRAFO 4: OS FIÉIS DE CRISTO – HIERARQUIA – LEIGOS, VIDA CONSAGRADA

III. A vida consagrada

914. “O estado de vida constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está, no entanto, incontestavelmente ligado à sua vida e santidade”.

Conselhos evangélicos, Vida Consagrada



915. Os conselhos evangélicos são, na sua multiplicidade, propostos a todos os discípulos de Cristo. A perfeição da caridade, a que todos os fiéis são chamados, comporta, para aqueles que livremente assumem o chamamento à vida consagrada, a obrigação de praticar a castidade no celibato por amor do Reino, a pobreza e a obediência. É a *profissão* destes conselhos, num estado de vida estável reconhecido pela Igreja, que caracteriza a “vida consagrada” a Deus.

916. A partir daí, o estado de vida consagrada aparece como uma das maneiras de viver uma consagração «mais íntima», radicada no Batismo e totalmente dedicada a Deus. Na vida consagrada, os fiéis propõem-se, sob a moção do Espírito Santo, seguir Cristo mais de perto, entregar-se a Deus amado acima de todas as coisas e, procurando a perfeição da caridade ao serviço do Reino, ser na Igreja sinal e anúncio da glória do mundo que há de vir.

Uma grande árvore, de frondosa ramagem

917. “Tal como uma árvore se ramifica maravilhosa e variadamente no campo do Senhor, a partir de uma semente lançada por Deus, assim surgiram diversas formas de vida solitária ou comum, e várias famílias religiosas que vêm aumentar a riqueza espiritual, tanto em proveito dos seus próprios membros como no de todo o Corpo de Cristo”.

918. “Desde as origens da Igreja, houve homens e mulheres que se propuseram, pela prática dos conselhos evangélicos, seguir mais livremente Cristo e imitá-Lo de modo mais fiel e levaram, cada qual a seu modo, uma vida consagrada a Deus. Muitos de entre eles, sob o impulso do Espírito Santo, viveram na solidão; outros fundaram famílias religiosas que a Igreja de bom grado acolheu e aprovou com a sua autoridade”.

919. Os bispos devem esforçar-se sempre por discernir os novos dons de vida consagrada, confiados pelo Espírito Santo à sua Igreja. A aprovação de novas formas de vida consagrada é reservada à Sé Apostólica.

A vida eremítica

920. Os eremitas nem sempre fazem profissão pública dos três conselhos evangélicos; mas, “por meio de um mais estrito apartamento do mundo, do silêncio na solidão, da oração assídua e da penitência, consagram a sua vida ao louvor de Deus e à salvação do mundo”.

921. Os eremitas manifestam o aspecto interior do mistério da Igreja que é a intimidade pessoal com Cristo. Oculta aos olhos dos homens, a vida do eremita é pregação silenciosa d'Aquele a Quem entregou a sua vida. Cristo é tudo para ele. É uma vocação especial para encontrar no deserto, no próprio combate espiritual, a glória do Crucificado.

As virgens e as viúvas consagradas

922. Já desde os tempos apostólicos, apareceram virgens e viúvas cristãs, chamadas pelo Senhor a unirem-se a Ele sem partilha, numa maior liberdade de coração, de corpo e de espírito, que tomaram a decisão, aprovada pela Igreja, de viver, respectivamente, no estado de virgindade ou de castidade perpétua, “por amor do Reino dos céus” (Mt 19,12).

923. As virgens, “emitindo o santo propósito de seguir mais de perto a Cristo, são consagradas a Deus pelo Bispo diocesano segundo o rito litúrgico aprovado, desposam-se misticamente com Cristo Filho de Deus e dedicam-se ao serviço da Igreja”. Por este ritual solene (*consecratio virginum* – consagração das virgens), a “virgem é constituída como pessoa consagrada, sinal transcendente do amor da Igreja a Cristo, imagem escatológica da Esposa celeste e da vida futura”.

924. “Próxima das outras formas de vida consagrada”, a ordem das virgens estabelece a mulher que vive no mundo (ou a monja) na oração, na penitência, no serviço dos seus irmãos e no trabalho apostólico, segundo o estado e carismas respectivos concedidos a cada uma. As virgens consagradas podem associar-se para observarem mais fielmente os seus propósitos.



A vida religiosa

925. Nascida no Oriente, nos primeiros séculos do cristianismo, e vivida em institutos canonicamente erigidos pela Igreja, a vida religiosa distingue-se das outras formas de vida consagrada pelo aspecto cultural, pela profissão pública dos conselhos evangélicos, pela vida fraterna em comum e pelo testemunho dado a respeito da união de Cristo e da Igreja.

926. A vida religiosa faz parte do mistério da Igreja. É um dom que a Igreja recebe do seu Senhor, e que oferece, como um estado de vida estável, ao fiel chamado por Deus à profissão dos conselhos. Assim, a Igreja pode, ao mesmo tempo, manifestar Cristo e reconhecer-se como Esposa do Salvador. A vida religiosa é convidada a significar, nas suas variadas formas, a própria caridade de Deus, em linguagem do nosso tempo.

927. Todos os religiosos, isentos ou não, têm o seu lugar entre os cooperadores do bispo diocesano na sua função pastoral. A implantação e a expansão missionária da Igreja

requerem a presença da vida religiosa em todas as suas formas, desde os começos da evangelização. “A história confirma os grandes méritos das famílias religiosas na propagação da fé e na formação de novas Igrejas, desde as antigas instituições monásticas e as Ordens medievais, até às congregações modernas”.

Os institutos seculares

928. “Instituto secular é o instituto de vida consagrada, em que os fiéis, vivendo no século, se esforçam por atingir a perfeição da caridade e por contribuir, sobretudo a partir de dentro, para a santificação do mundo”.

929. Os membros destes institutos, mediante uma “vida perfeita e inteiramente consagrada [a esta] santificação”, tomam parte na tarefa de evangelização da Igreja, “no mundo e a partir do mundo”, onde a sua presença atua “à maneira de fermento”. O seu testemunho de vida cristã visa ordenar segundo Deus as realidades temporais e impregnar o mundo com a força do Evangelho. Assumem, por vínculos sagrados, os conselhos evangélicos e mantêm entre si a comunhão e fraternidade próprias do seu teor de vida secular.

As Sociedades de vida apostólica

930. Aproximam-se das diversas formas de vida consagrada, “as sociedades de vida apostólica, cujos membros, sem votos religiosos, prosseguem o fim apostólico próprio da sociedade e, vivendo em comum a vida fraterna, de acordo com a própria forma de vida, tendem, pela observância das constituições, à perfeição da caridade. Entre elas há sociedades, cujos membros [...] assumem os conselhos evangélicos segundo as suas constituições”.

Consagração e missão: anunciar o rei que vem

931. Entregando-se a Deus amado sobre todas as coisas, aquele que pelo Baptismo já Lhe estava devotado, encontra-se, assim, mais intimamente consagrado ao serviço divino e dedicado ao bem da Igreja. Pelo estado de consagração a Deus, a Igreja manifesta Cristo e mostra como o Espírito Santo nela atua de modo admirável. Aqueles que professam os conselhos evangélicos têm, pois, por missão, antes de mais, viver a sua consagração. “Visto estarem dedicados, em virtude da sua consagração, ao serviço da Igreja, têm obrigação de trabalhar, de modo especial, segundo a índole própria do instituto, na ação missionária”.

932. Na Igreja, que é como o sacramento, isto é, o sinal e o instrumento da vida de Deus, a vida consagrada surge como um sinal particular do mistério da Redenção. Seguir e imitar Cristo “mais de perto”, manifestar “mais claramente” o seu aniquilamento, é entrar “mais profundamente” presente, no coração de Cristo, aos seus contemporâneos. Quem segue este caminho “mais estreito” estimula os seus irmãos pelo seu exemplo e “dá este esplêndido e sublime testemunho: o mundo não pode ser transfigurado e oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças”.

933. Quer este testemunho seja público, como no estado religioso, quer seja mais discreto ou mesmo secreto, a vinda de Cristo é, para todos os consagrados, a origem e a meta das suas vidas:

“Como o povo de Deus não tem na terra cidade permanente [...], o estado religioso [...] manifesta a todos os crentes a presença, já neste mundo, dos bens celestes; dá testemunho da vida nova e eterna adquirida pela redenção de Cristo e anuncia a ressurreição futura e a glória celeste”.

Resumindo:

934. *“Por instituição divina, há na Igreja, entre os fiéis, ministros sagrados, também chamados, em direito, clérigos, sendo os outros chamados leigos”. E há fiéis que, pertencendo a uma ou a outra destas duas categorias, se consagraram a Deus pela profissão dos conselhos evangélicos e servem assim a missão da Igreja.*

935. *Para anunciar a fé e implantar o seu Reino, Cristo envia os Apóstolos e respectivos sucessores. Fá-los participantes da sua missão. É d'Ele que uns e outros recebem o poder de agir em seu nome.*

936. *O Senhor fez de Pedro o fundamento visível da sua Igreja. Deu-lhe as chaves dela. O bispo da Igreja de Roma, sucessor de S. Pedro, é “a cabeça do colégio dos bispos, vigário de Cristo e pastor da Igreja universal neste mundo”.*

937 *O Papa “está revestido, por instituição divina, do poder supremo, plenário, imediato e universal para o governo das almas”.*

938. *Os bispos, estabelecidos pelo Espírito Santo, sucedem aos Apóstolos. São, “cada um por sua parte, princípio visível e fundamento da unidade nas suas Igrejas particulares”.*

939. *Ajudados pelos presbíteros seus cooperadores e pelos diáconos, os bispos têm o encargo de ensinar autenticamente a fé, celebrar o culto divino, sobretudo a Eucaristia, e governar a sua Igreja como verdadeiros pastores. Incumbe-lhes também o cuidado de todas as Igrejas, com e sob a orientação do Papa.*

940. *“Sendo próprio do estado dos leigos viverem a sua vida no meio do mundo e dos assuntos profanos, eles são chamados por Deus a exercer o seu apostolado no mundo à maneira de fermento, graças ao vigor do seu espírito cristão”.*

941. *Os leigos participam do sacerdócio de Cristo: cada vez mais unidos a Ele, desenvolvem a graça do Batismo e da Confirmação em todas as dimensões da vida pessoal, familiar, social e eclesial, e assim realizam a vocação à santidade dirigida a todos os batizados.*

942. *Graças à sua missão profética, os leigos “são também chamados a ser, em todas as circunstâncias e no próprio coração da comunidade humana, testemunhas de Cristo”.*

943. *Graças à sua missão real, os leigos têm o poder de vencer em si mesmos e no mundo o império do pecado, mediante a abnegação e a santidade de vida.*

944. *A vida consagrada a Deus caracteriza-se pela profissão pública dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, num estado de vida estável reconhecido pela Igreja.*

945. *Entregue a Deus, amado sobre todas as coisas, aquele que o Baptismo já a Ele tinha destinado, encontra-se, no estado de vida consagrada, mais intimamente votado ao serviço divino e dedicado ao bem de toda a Igreja.*



Revisando temas

Consagração

A vida consagrada é um modo de discipulado mais intenso na sua radicalidade e totalidade. Trata-se antes de tudo de um dom; dom que Cristo faz a quem Ele chama, que cria a possibilidade de realizar uma forma de vida que manifeste a vinda do Reino de Deus.

A vida consagrada tem como fundamento a comunhão filial com Deus e a relação fraterna com Cristo. Nesse sentido, tal vida exprime a globalidade do Evangelho e da vida de Jesus. É isso que faz com que a pessoa consagrada a Deus assuma exigências que estão para além do preceito: a pessoa consagrada assume como norma de vida a radicalidade do Evangelho. Mais do que imitar Cristo, a pessoa consagrada deseja se apropriar de um “ser” e de um “fazer” que se aproxime sempre mais do ser e do fazer de Cristo, participando assim da totalidade de seu mistério.

Com efeito, Jesus na sua vida terrena, amando os seus até o fim, radicalizou na sua morte de cruz todos os preceitos da nova Lei que ele mesmo instaurou. Ele chegou à radicalização da sua virgindade pela totalidade e exclusividade de seu amor ao Pai e aos homens. Alcançou o extremo da pobreza quando renunciou a toda segurança humana, e passou pela experiência radical do abandono de Deus na obediência total vencendo na sua raiz a tentação de toda rebeldia contra Deus.

Para todos os fiéis, que foram incorporados a Cristo pelo batismo, há uma exigência real de pobreza, mas não ao ponto da renúncia total aos bens terrenos. De todos dos fiéis se exige, em virtude da vocação comum à santidade, a castidade, mas não ao ponto da renúncia ao casamento. Todos devem obedecer, mas não ao ponto de ter que renunciar à própria vontade diante dos que fazem as vezes de Deus. Todos os discípulos de Cristo são obrigados à fraternidade, mas não ao ponto da partilha de um projeto comum de vida. Todos os fiéis tem a obrigação do apostolado, mas não ao ponto de ter que fazer dele o centro organizador de toda a vida.

O conselho evangélico é um convite do Senhor para fazer uma escolha livre que indique uma atitude interior que envolva a pessoa na sua totalidade no seguimento mais próximo e fiel do Senhor.

A observância generosa de um preceito de Deus não configura tal escolha radical. Isso só ocorre quando, em uma inserção mais profunda no mistério da cruz e da ressurreição

do Senhor, tal observância, assumida como regra de vida, alcança a radicalização que determina a toda a vida.

A consagração, na sua dimensão de oferecimento ao Pai em comunhão com o mistério da morte de Cristo e de participação da vida nova do Ressuscitado, antecipa no já da vida terrena a perfeição escatológica.

Por tradição, os conselhos evangélicos são fundamentalmente três: castidade, pobreza e obediência. A Igreja reconhece nestes três conselhos a expressão unitária de como o Verbo encarnado viveu humana e historicamente sua relação filial com o Pai e sua relação fraterna com os homens. Assim, pela profissão dos conselhos evangélicos, a pessoa é inserida mais profundamente no mistério da vida de Cristo.

Os três conselhos evangélicos são três aspectos de uma única realidade: por isso não se pode ser casto sem ser pobre e obediente; não é possível ser pobre sem viver a castidade e a obediência; não há verdadeira obediência sem a castidade e a pobreza.

A consagração é dom e responsabilidade. É Deus quem consagra a Si a pessoa para que esta, como um dom total de si, se consagre a Ele, assumindo como norma de vida estável a profissão dos conselhos evangélicos e tenda, assim, para a perfeição da caridade.

Caráter trinitário e cristológico dos conselhos evangélicos

A relação dos conselhos evangélicos com a Trindade santa e santificadora revela o sentido mais profundo deles. Na verdade, são expressão do amor que o Filho nutre pelo Pai na unidade do Espírito Santo. Praticando-os, a pessoa consagrada vive, com particular intensidade, o caráter trinitário e cristológico que caracteriza toda a vida cristã.

A *castidade* dos celibatários e das virgens, enquanto manifestação da entrega a Deus com um *coração indiviso* (cf. 1Cor 7,32-34), constitui um reflexo do *amor infinito* que une as três Pessoas divinas na profundidade misteriosa da vida trinitária; amor testemunhado pelo Verbo encarnado até ao dom da própria vida; amor “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5), que incita a uma resposta de amor total a Deus e aos irmãos. A *pobreza* confessa que Deus é a única verdadeira riqueza do homem. Vivida segundo o exemplo de Cristo que, “sendo rico, Se fez pobre” (2Cor 8,9), torna-se expressão do *dom total de Si* que as três Pessoas divinas reciprocamente se fazem. É dom que transborda para a criação e se manifesta plenamente na Encarnação do Verbo e na sua morte redentora. A *obediência*, praticada à imitação de Cristo cujo alimento era fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4,34), manifesta a graça libertadora de uma *dependência filial e não servil*, rica de sentido de responsabilidade e animada pela confiança recíproca, que é reflexo, na história, da *amorosa correspondência* das três Pessoas divinas. Assim, a vida consagrada é chamada a aprofundar continuamente o dom dos conselhos evangélicos com um amor cada vez mais sincero e forte na sua dimensão *trinitária*: amor *a Cristo*, que chama à sua intimidade; *ao Espírito Santo*, que predispõe o espírito para acolher as suas inspirações; *ao Pai*, origem primeira e fim supremo da vida consagrada. Esta torna-se, assim, confissão e sinal da Trindade, cujo mistério é indicado à Igreja como modelo e fonte de toda a forma de vida cristã. Também a *vida fraterna*, em virtude da qual as pessoas consagradas se esforçam por viver em Cristo com “um só coração e uma só alma” (At 4,32), se apresenta como uma eloquente confissão trinitária. Confessa *o Pai*, que quer fazer de todos os homens uma só família; confessa *o Filho encarnado*, que congrega os redimidos na unidade, apontando o caminho com o seu exemplo, a sua oração, as suas

palavras e, sobretudo, com a sua morte, fonte de reconciliação para os homens divididos e dispersos; confessa *o Espírito Santo*, como princípio de unidade na Igreja, onde não cessa de suscitar famílias espirituais e comunidades fraternas.

Sob o impulso do Espírito Santo, a vida consagrada “imita mais de perto, e perpetuamente representa na Igreja” a forma de vida que Jesus, supremo consagrado e missionário do Pai para o seu Reino, abraçou e propôs aos discípulos que O seguiam (cf. Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,10-11; Jo 15,16). À luz da consagração de Jesus, é possível descobrir na iniciativa do Pai, fonte de toda a santidade, a nascente originária da vida consagrada. Na verdade, Jesus é aquele que “Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder” (At 10,38), “aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36). Recebendo a consagração do Pai, o Filho consagra-Se por sua vez ao Pai pela humanidade (cf. Jo 17,19): a sua vida de virgindade, obediência e pobreza exprime a adesão filial e plena ao desígnio do Pai (cf. Jo 10,30; 14,11). A sua oblação perfeita confere um sentido de consagração a todos os acontecimentos da sua existência terrena.

Jesus é *o obediente por excelência*, descido do céu não para fazer a sua vontade, mas a d'Aquele que O enviou (cf. Jo 6,38; Hb 10,5.7). Entrega o seu modo de ser e de agir nas mãos do Pai (cf. Lc 2,49). Por obediência filial, assume a forma de servo: “Despojou-Se a Si mesmo tomando a condição de servo (...), feito obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2,7-8). É também nesta atitude de docilidade ao Pai que Cristo, embora aprovando e defendendo a dignidade e a santidade da vida matrimonial, assume a forma de vida virginal, e revela assim *o valor sublime e a misteriosa fecundidade espiritual da virgindade*. A sua plena adesão ao desígnio do Pai manifesta-se ainda no desapego dos bens terrenos: “Sendo rico, fez-Se pobre por vós, a fim de vos enriquecer pela sua pobreza” (2Cor 8,9). A *profundidade da sua pobreza* revela-se na perfeita oblação de tudo o que é seu ao Pai. Verdadeiramente a vida consagrada constitui *memória viva da forma de existir e atuar de Jesus*, como Verbo encarnado face ao Pai e aos irmãos. Aquela é tradição vivente da vida e da mensagem do Salvador.

João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*, 21-22.